

# Nordeste: escrevendo uma História Ambiental\*

Éverton Alves Aragão\*\*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v8i8p86-109

**Resumo:** Este artigo identifica e localiza o Nordeste brasileiro no campo da História Ambiental em uma perspectiva temporal a partir do paradigma dos historiadores e de seus trabalhos publicados. Utilizamos, em nossa pesquisa, livros, teses, dissertações, monografias e artigos, para auxiliar este balanço e na identificação de possíveis temáticas para a História Ambiental no Nordeste. Essas produções, em sua maioria, foram resultadas das recentes mudanças sociais e das medidas governamentais, que promoveram entre os historiadores novos olhares epistemológicos para o *verde* (PONTING, 1995) e para a *paisagem* (SCHAMA, 1996). Nesse sentido, observamos que desde a publicação dos primeiros trabalhos de História Ambiental no Brasil – já na década de 1980, há estudos que se enquadram – suas temáticas e potenciais objetos de estudos estão concentrados no eixo Sul-Sudeste do país, devido ao apoio econômico às pesquisas e à solidez da questão ambiental nessas regiões. Todavia, o Nordeste possui características que o distinguem do restante do território nacional – a exemplo de seu clima, vegetação, fauna etc. Essa região, portanto, se mostra com novos desafios teóricos, necessidades e possibilidades de diálogo intelectual – que vagarosamente estão sendo abertos nos últimos anos.

**Palavras-chaves:** História, História Ambiental, Nordeste, Teoria.

\* Este artigo é uma versão adaptada da apresentação desenvolvida em 2018 para o XVIII Encontro Estadual de História ANPUH-PB: História desafios do ensino, da pesquisa e da extensão no tempo presente. No ST 7 – Teoria e História da Historiografia –, produção feita a partir de recentes pesquisas orientadas pelo professor Dr. José Otávio Aguiar (UFMG). A quem tanto admiro por fazer da História Ambiental um campo presente e atuante no Nordeste brasileiro. Estendo meus agradecimentos a Marcos Saulo de Assis Nóbrega pela orientação que tem sido essencial à minha formação, agradeço também à Karolliny Miranda pela paciência e por sua voraz presteza histórica.

\*\* Graduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFMG, campus I). Desenvolve pesquisas interdisciplinares na área de História Ambiental, História da Ciência e da Circulação de Plantas sob orientação da professora Dra Juciene Ricarte Apolinário. Atua como pesquisador no grupo: História, Meio Ambiente e Questões Étnicas, da Universidade Federal de Campina Grande, coordenado pelo professor Dr. José Otávio Aguiar. Contato: [everton01588@gmail.com](mailto:everton01588@gmail.com)

**Introdução: dos objetivos e tema**

Um Nordeste/ onde nunca deixa de haver/ uma mancha d'água:/ um avanço de mar,/ um rio, um riacho,/ o esverdeado de uma lagoa. (Carlos Pena Filho, Um Nordeste, 2000).

Neste artigo não pretendo escrever as estruturas metodológicas de uma história ambiental ou ecológica, dimensão acadêmica já estruturada em vários países – inclusive no Brasil. Antes, desejo objetivar o despertar de uma história ambiental e ecológica no Nordeste brasileiro. Não que essa não tenha sido feita no Nordeste, mas ao fato de não ter sido, ainda, referenciada e amplamente discutida.

Não farei uma revisão completa da produção da disciplina – pelo fato de ser bastante rica. Remeterei ao longo do artigo alguns textos de revisão historiográfica, como livros, teses, dissertações, monografias e artigos. Não me responsabilizarei por essa revisão completa, pois, parto de recentes incursões nesse campo, e isso se deve ao fato de ser essa a produção apresentada.

Há pouco mais de dois anos, quando ingressei no curso de História da Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, conheci alguns conceitos e expressões interdisciplinares que ligavam a História a disciplinas como a Geografia e a Biologia. Para um amante do mundo natural e da história humana, esse encontro foi espetacular.

Busquei artigos e livros que exploravam a temática, me aprofundei em diversos temas – que, inclusive, trabalhavam o semiárido do Nordeste brasileiro. Entretanto, ao longo das pesquisas, me pareceu escasso (quase nulo) um material que me norteasse epistemologicamente sobre uma história ambiental no e para o Nordeste<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Afora as várias citações, em livros e artigos (que tratam sobre história ambiental), da obra Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil, de Gilberto Freyre.

Minha ambição não é maior que a construção desse quadro.

Para tanto, situo-me em meu quadrante de graduando – isso ficará evidente ao longo da leitura. Se os leitores que a partir desse texto se julgarem bem informados ou cogitarem críticas, terei tido sucesso. Não procuro convencer historiadores e historiadoras, e outros cientistas sociais, a incorporar variáveis ambientais aos seus estudos sobre a sociedade humana<sup>2</sup>. Outros já fizeram esse trabalho. Todavia, é importante apresentar o que esses historiadores ambientais já refletiram sobre o lugar da história ambiental<sup>3</sup>.

Uma das principais premissas de um historiador ou historiadora ambiental é que os eventos da história se revelam no tempo, mas também no espaço. De tal forma pontuou a historiadora Verena Winiwarter, “tudo o que acontece não tem somente um ‘quando’, mas também um ‘onde’, determinando a sua qualidade e a sua importância” (2010, p. 2). Esse campo da história preocupa-se, então, com as interações entre a natureza e as sociedades humanas do passado, dá importância ao lugar, e tenta associar a história humana aos sistemas naturais (WINIWARTER, 2010, p. 2). Este balanço historiográfico, o qual me proponho a fazer, iniciará na primeira metade do século XX, porém, ao longo do texto, reduzirei minhas análises aos últimos dez anos (2008-2018) – devido ao aparecimento, relativamente cedo, desse campo no Nordeste. E como toda pesquisa, também terá um recorte espacial: o Nordeste. Por esse fato, a epígrafe inicial é um recorte do poema Um Nordeste, de Carlos Pena

---

<sup>2</sup> Semelhante aos desejos de José Augusto Drummond em seu artigo A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa (1991).

<sup>3</sup> Quando pontuamos a terminologia história ambiental, nos referimos também a uma história ecológica, a uma história do verde, a qualquer tipo de história que busque relacionar as interações entre sociedade e natureza ao longo do tempo.

## Nordeste: escrevendo uma História Ambiental

Filho. Porém, não há apenas um Nordeste. Há vários Nordeste. Pouco tempo atrás dizia-se que tínhamos: um Nordeste (litorâneo, da exuberante mata atlântica) que se movimenta a partir da cana-de-açúcar, e outro Nordeste (do sertão, castigado pelas secas) que se relaciona com o algodão e o gado. Hoje, entretanto, vemos um Nordeste multifacetado, que evoca uma série de imagens, tanto das suas características geográficas, quanto culturais, sociais e econômicas. Contudo, o conceito de Nordeste é variado, perceptível a mudanças e análises (ver, por exemplo, Albuquerque Jr. (1999)). Diante disso, me concentrarei em tópicos que ainda não foram mencionados ou não desenvolvidos por outro historiador. Uma vez que os estudos de ambiente não necessariamente foram feitos apenas pela epistemologia da história ambiental, em seu início, mas sim por alguns trabalhos de sociologia, história agrária e econômica – quando a produção universitária no Brasil e, principalmente, no Nordeste era limitada. A partir desses tópicos, acrescento às atuais e futuras discussões, no primeiro momento, o caminho traçado pela história ambiental, com ênfase no Nordeste. Desde as contribuições de autores e pesquisadores da primeira metade do século XX aos dias atuais. Posteriormente, na terceira parte, tratarei sobre as possibilidades de temas, fontes e linhas de pesquisa. Por fim, no terceiro e último espaço, frisarei a atual situação da história ambiental no Nordeste.

### **O caminho da história ambiental no Nordeste**

A história ambiental, em escala internacional, surgiu da pesquisa e da escrita de um grupo relativamente pequeno, mas altamente produtivo, de historiadores e biólogos norteamericanos, vindos de diferentes temas e especialidades, assim pontuou o historiador José Augusto Drummond, sobre o alvorecer dessa dimensão histórica. Esse grupo foi construído entre as décadas de 70 e 80 do século passado.

Sobre o nascimento desse grupo, Drummond destaca que: “eu considero uma nova modalidade de estudo, ligando explicitamente a história natural à história social e examinando as interações entre ambas”. (DRUMMOND, 1991, p. 181). Cerca de 15 anos depois, as influências da *Environmental Review* e da *American Society for Environmental History* – respectivamente, a revista e a associação profissional desse grupo – adentraram no território brasileiro. Porém, os nomes ligados a essas incursões iniciais passaram a se concentrar nas regiões Sul e Sudeste do país, relegando assim um espaço acadêmico para a história ambiental no Nordeste. Esse pioneirismo do eixo SulSudeste impossibilitou, até determinado momento, que pesquisas florescessem em solo nordestino, sobre o qual farei comentário em outra seção. Por hora, basta dizer que, a falta de espaço impediu que no Nordeste se formassem historiadores que buscassem assimilar essa proposta “estrangeira”. Portanto, é evidente que nessa região o campo não foi consolidado durante a primeira leva de historiadores ambientais brasileiros. Todavia, tratando sobre o caso Nordeste, é indispensável pensar que: para traçar o caminho da história ambiental no Nordeste, temos que nos desfazer da busca de um elo perdido, de uma estaca zero, pois não é possível caracterizar o ponto de partida dessa história ambiental em solo nordestino. Mesmo assim, alguns historiadores ambientais consideram a relevância das obras de historiadores, cientistas sociais e ensaístas como prospecções iniciais nas relações entre sociedade e meio natural, e, ainda que esses não tenham se declarado “historiadores ambientais”, acrescentaram a ela (DRUMMOND, 1991, p. 192-193). Isso quer dizer, então, que no Nordeste, esse esforço de compreensão foi iniciado por estudiosos há dezenas de anos e continuado, com maior densidade, por vários intelectuais e escritores do século XX (NETO, 2010, p. 139). Seguindo esse raciocínio podemos apontar que, uma dessas intromissões dinâmicas, entre natureza e sociedade, foi a do sociólogo Gilberto Freyre, que publicou em 1937 o livro *Nordeste*

**Nordeste: escrevendo uma História Ambiental**

– aspectos da influência da Cana sobre a Vida e a paisagem do Nordeste do Brasil, “cujos quatro capítulos iniciais são verdadeiros ensaios de história ambiental”. (DRUMMOND, 1991, p. 193). Nessa obra, Freyre propõe uma análise impressionista da ecologia social dessa região (DUARTE, 2004, p. 125). Além disso, mostra as relações entre proprietários de engenhos com as terras, as águas, as matas e os animais. Outro sociólogo, Djacir Menezes, publicou o livro *O outro Nordeste: formação social do Nordeste*, em 1937. Assim como *Nordeste* (2004), *O outro Nordeste* (1937) procura tratar, também, o drama vivido por um pedaço do Nordeste, esse por sua vez é marcado pelo traço algodoeiro e pastoril – um quadro bem diferente daquele pintado por Gilberto Freyre. Porém, ainda que para Menezes sejam importantes as conexões existentes entre o homem e o meio físico, o que deve ser destacado são os aspectos socioeconômicos que envolvem essas conexões. (ANCANJO, 1996, p. 77). O geógrafo Josué de Castro, em *Geografia da fome* (1946), teve por propósito estudar e realizar uma sondagem de natureza ecológica sobre o fenômeno da fome no Brasil, orientado pelos princípios geográficos da localização, extensão, causalidade, correlação e unidade terrestre. A obra de Manuel Correia de Andrade – geógrafo – é outro exemplo do estudo conjunto e histórico da “terra” e do “homem”, como ele mesmo explora em *A Terra e o Homem no Nordeste* (1963). Nele, o autor elabora, nos principais capítulos de sua obra, a história das relações dos homens com o seu ambiente natural; dos homens entre si no processo produtivo no uso dos recursos naturais e na busca de sua subsistência ou do processo de acumulação de capital. (NETO, 2010, p. 143). E assim por diante, João Cabral de Melo Neto (*Morte e Vida Severina* e *O Rio*), Rachel de Queiroz (*O Quinze*), José Lins do Rego (*Fogo Morto*), Jorge Amado (*Terras do Sem-Fim*), José Américo de Almeida (*A Bagaceira*), Graciliano Ramos (*Vidas Secas*), José Condé (*Terra de Caruaru*), entre outros que trouxeram

contribuições ao debate da natureza no Nordeste<sup>4</sup>. No campo historiográfico, podemos apontar, a partir d'A historiografia acadêmica paraibana (2011), escrito por Rosa Maria Godoy Silveira, que as novas tendências teóricometodológicas (principalmente, mas não exclusivamente, os Annales – terceira geração –, a História Social Inglesa e abordagens vindas da Antropologia), passaram a infletir nos cursos de pós-graduação e nas pesquisas históricas. Tais tendências, que começaram a ser recepcionadas no país, nos anos de 1980, instituíram-se como linhas predominantes cuja visibilidade maior se constata a partida da década seguinte. (SILVEIRA, 2011, p. 250). Essas linhas favoreceram os primeiros passos do fazer ambiental nos cursos de História no Nordeste. Alguns nomes são ligados a essas linhas, como é o caso de José Otávio Aguiar (UFCG), Edson Heley Silva (UFPE) e Eurípedes Antônio Funes (UFC), em conjunto com Kenia Sousa Rios (UFC). O atual estágio da história ambiental na Universidade Federal de Campina Grande concentra-se no berço do grupo de pesquisas ligado à linha Cultura Poder e Identidades, do Mestrado em História, e à linha Sociedade e Recursos Naturais, do Mestrado e Doutorado Interdisciplinar em Recursos Naturais da UFCG. A partir do ingresso do Prof. Dr. José Otávio Aguiar na instituição, juntamente com a contribuição de outros professores pesquisadores do Brasil, formou-se uma nova geração de alunos que optaram por uma história ambiental, sendo orientados por ele e pela Profa. Dra. Juciene Ricarte Apolinário. Por meio deles, realizaram-se várias pesquisas em programas de iniciação científica e extensão, do curso de Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Em profundo diálogo somou-se as contribuições do Prof. Dr. Edson Silva, da

---

<sup>4</sup> Mas, é claro, não devemos vincular os trabalhos destes e outros autores citados com a história ambiental propriamente dita. Eles são exemplos do trato das questões ambientais pelas ciências humanas, mas estão vinculados a outros contextos teórico/metodológicos.

**Nordeste: escrevendo uma História Ambiental**

Universidade Federal de Pernambuco, que busca associar os estudos indígenas com as relações e conceituações da história ambiental. Tendo recorte o semiárido e agreste pernambucano, realiza pesquisas e projetos (além de orientações) nessa perspectiva da história. Mais ao norte, no Ceará, é visível a atual contribuição da Profa. Dra. Kenia Rios e do Prof. Dr. Eurípedes Funes. Realizando pesquisas sobre os rios e as secas, promovem o debate socioambiental e histórico dos processos que cicatrizaram esse estado. A partir do projeto Rio Jaguaribe: História, Memória e Paisagem e Seca e Oralidade, ambos coordenados pela Kenia Rios, foram publicados livros e artigos, bem como tem possibilitado o direcionamento de novos orientandos para as relações entre história e natureza.

**Possibilidades de temas, linhas de pesquisa e fontes**

Muitos já pensaram condutas metodológicas para a história ambiental (ver: WORSTER (1991); DRUMMOND (1991); MARTINEZ (2011)). Essas formas de se fazer história foram pensadas com destreza, a partir das inquietações de vários historiadores, de inúmeros lugares do mundo. Não caberia contemplar, portanto, o grau de complexidade e os recursos metodológicos presentes nestas abordagens, pois, seus alicerces ainda que pensados fora do Nordeste servem, até o momento, de bases para uma história ambiental em solo nordestino. Aqueles que anseiam por esse caminho da história no Nordeste, e a fazem, se utilizam oportunamente dessas condutas, como já expressado. Porém, em âmbito mais restrito, mas não menos relevante e necessário, o Nordeste reserva algumas especificidades – paisagísticas, territoriais, climáticas, entre outras. São justamente através dessas especificidades que se torna suscetível o desbravamento de novos caminhos nessa região (pensemos isso mais detalhadamente em outra seção). Nesse sentido, tendo em vista o fato de que há essas adaptações metodológicas para âmbito do Nordeste, não há



necessidade de verticalizar as nossas observações nesta direção, basta que estejamos cientes e atentos às conceituações já elaboradas. Recordo das condutas metodológicas, primeiro, por estarem amplamente difundidas entre os historiadores ambientais. Em segundo lugar, para propor que, seria substancialmente mais produtivo se os historiadores conferissem maior atenção à historiografia nordestina sobre o meio ambiente e, às possibilidades de temas que as fontes potencializam para novos diálogos entre os pesquisadores das diversas partes do Brasil. Nesse sentido, mencionarei, observações pontuais com a finalidade de indicar e exemplificar possibilidades de trabalho a partir da história do meio ambiente no Nordeste. **Secas e recursos hídricos:** A região Nordeste encontra-se com 72,24% de seu território dentro do polígono das secas, segundo dados da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). Somasse a isso o fato de que a maior parte dos rios presentes na região são intermitentes. Nota-se que, desde o período colonial, o Nordeste envolve grandes desafios ambientais, no que diz respeito aos longos períodos de estiagem. Nestes estudos, é importante levar consideração o manejo dos recursos hídricos e os riscos de aumento da salinização das águas da região. **Devastação ambiental:** Os estudos sobre a perda e fragmentação dos habitats pelo desmatamento é outra oportunidade de aproximação do conhecimento histórico com o meio ambiente. A exploração excessiva de espécies de plantas e animais vem sendo cicatrizada desde o início da presença europeia no Nordeste. Também, a utilização inadequada de agrotóxicos, um problema constante pelo uso excessivo. Essas e outras formas de ações antrópicas são campos oportunos para um historiador ambiental. **Economia e meio ambiente:** Um dos maiores desafios na tentativa de integração de modelos econômicos e ecológicos tem a ver com a conciliação das diferentes escalas temporais e espaciais de abordagem. No que diz respeito ao tempo, os ecologistas adotam frequentemente modelos, preocupando-se com o

**Nordeste: escrevendo uma História Ambiental**

longo prazo, em termos das implicações ecológicas da atividade humana. Por sua vez, os economistas tendem a ignorar o longo prazo, acreditando que perturbações futuras no sistema são praticamente impossíveis de prever. Nesse sentido, podemos pontuar a pesca artesanal, as possibilidades de plantio e cultivo, a caça às baleias e outros animais, assim como a relação entre a pobreza e degradação ambiental urbana. **Movimentos ambientais e unidades de conservação:** Os problemas ambientais e sociais no Brasil são facilmente identificáveis e encontram-se bem mapeados, não apenas pela academia, mas pelas ações e movimentos da sociedade civil, ONGs, historiografia e cientistas sociais, e pelas políticas públicas nas distintas esferas governamentais. (MARTINEZ, 2011, p. 27-28). Os atores e atrizes que estiveram imbuídos nesses movimentos sociais são suscetíveis de análises histórico-ambientais. Para mais, as possibilidades de diálogos que a conservação dos solos e de reservas de Mata Atlântica oferece para o historiador com as comunidades locais e grupos sociais. Atualmente, no Nordeste, as opções de pesquisa feitas pelos historiadores e historiadoras se concentram no estudo das secas, dos recursos hídricos, das relações étnicas e ambientais das populações indígenas. Há um grande esforço em se concentrar nos estudos coloniais e, de se fazer leituras históricas dos escritos de viajantes e naturalistas, apesar de não ser uma regra, pois existe uma enorme variação no que se refere ao recorte temporal e temático. Ao falarmos das pesquisas desenvolvidas no Nordeste, não podemos esquecer do papel fundamental dos grupos de pesquisa que agregam e reúnem pesquisadores de diversas áreas das ciências do homem e das ciências da natureza e da vida, quais sejam, primordialmente, historiadores dedicados aos estudos das relações entre história, sociedade, e natureza, mas também, etno-biólogos, biogeógrafos e geógrafos físicos, filósofos, sociólogos etc. No que se refere à institucionalização desses grupos, é necessário perceber as estratégias feitas para enfrentar tal dominância do Sul nisto.

Por exemplo, os programas de pós-graduação em sociologia e história agrária sobre a formação econômica e territorial eram formas encontradas de alguns historiadores trabalharem as perspectivas ambientais. Todos esses temas e linhas de pesquisa abrem possíveis ligações transversais entre história e outras disciplinas das ciências naturais. E, possibilitam uso de diversas fontes, como os relatos e relatórios de viagem, literatura, inventários de recursos naturais, leis e documentos governamentais etc<sup>5</sup>. Os olhares dos viajantes estrangeiros (naturalistas, negociantes, missionários, militares etc.) é fundamental. Houve muitos trabalhos de ciências naturais, de coleta, observação, mapeamento do interior nordestino na época colonial e imperial. Podemos citar: o português, filho de inglês, Henry Koster; o francês, de Nantes, Louis-François de Tollenare; também o botânico, Manuel Arruda da Câmara; J. B. von Spix e C. F. Phil von Martius; e, já na transição entre os séculos XIX e XX, o alemão Konrad Guenther<sup>6</sup>. Acresce-se a essas fontes o vasto Projeto Resgate que iniciou seu programa colocando em CD-ROMs, todas as matérias relacionadas ao Brasil no Arquivo Histórico Ultramarino, o principal arquivo colonial de Portugal<sup>7</sup>. Veja-se os livros manuscritos de sesmarias e datas de terra do arquivo da antiga capitania de Pernambuco na Biblioteca do Estado, as cartas econômico-políticas sobre a agricultura e comércio da Bahia, 1821 (Reeditadas pelo Governo do Estado da Bahia no ano de 1924). Contamos, de igual forma, com a Coleção das leis do Império do Brasil, coleção essa publicada pela Imprensa Nacional, que inclui Cartas de Leis,

---

<sup>5</sup> Ver, mais detalhadamente, José Augusto Drummond, *A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa* (1991).

<sup>6</sup> Ver, por exemplo, as dissertações de Raíssa Barbosa da Costa, *As Cores da Mata Branca: Os Sertões das Caatingas de Manuel Arruda da Câmara e Henry Koster (1793-1815)*, e Victor Rafael Limeira da Silva, *Alfred Russel Wallace: o natural e o humano no contexto das Ciências Naturais oitocentistas (1848-1852)*.

<sup>7</sup> Atualmente, esse material pode ser encontrado na plataforma digital da Biblioteca Nacional.

## Nordeste: escrevendo uma História Ambiental

Decretos, Alvarás, Cartas Régias, Leis e Decisões imperiais. A publicação digitalizada compreende o período de 1808 e 1889 e pode ser encontrada no website da câmara dos deputados. Além dos acervos jornalísticos, como a coleção do Diário de Pernambuco. Sendo assim, é ainda no Nordeste que podemos historiar a interação entre as sociedades humanas e os distintos elementos da natureza, através da grande variedade de fontes pertinentes a esse estudo – característica da história ambiental. Os tantos nomes que Gilberto Freyre pontuou – Castro Alves, Joaquim Nabuco, Pedro Américo, Nina Rodrigues etc., etc. – (FREYRE, 2004, p. 184), mais as mulheres que poderiam ser citadas: Margarida Maria Alves e Nísia Floresta, Maria Quiteria, Rachel de Queiroz e Maria Bonita, Zabé da Loca e Marinês, com suas formas de musicar o Nordeste e a sua natureza.

### **A emergência no Nordeste**

Tratar da emergência da história ambiental no Nordeste não é tarefa simples. Porque essa emergência não diz respeito ao surgimento dessa disciplina no Nordeste – e, ainda que fosse, também seria uma tarefa árdua. Nesse tópico, trato da emergência no Nordeste evidenciando uma situação crítica, na verdade, trata-se de um apelo urgente no Nordeste também se pode fazer e é feita história ambiental. Metaforicamente, todo caso emergencial é antecedido por sintomas. No caso do Nordeste, a sintomática recorrente da desvalorização da história ambiental está intimamente relacionada com o pioneirismo das regiões Sul e Sudeste neste ramo da história. É possível apontar quatro elementos para o entendimento desse pioneirismo:

a) O primeiro esforço em trazer a novidade “estrangeira”, que foi a revista *Environmental History* – fundada em 1976 – e suas discussões, para o Brasil, foi do historiador José Augusto Drummond em 1991, em seu artigo intitulado por *A História*

Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. Ele estava iniciando seu doutorado nos Estados Unidos e lá já realizava pesquisas na área de Environmental Science.

b) Foi no eixo Sul-Sudeste onde primeiro se financiou pesquisas na área de história ambiental, pois foi onde pesquisadores de outros países – os chamados brasilianistas –, em especial dos Estados Unidos, encontram fontes e suportes acadêmicos para realizarem suas pesquisas. Entre eles, alguns foram capazes de pesquisar e combinar a história social e história natural. É o caso do historiador Warren Dean, que em 1987 produziu o trabalho pioneiro em história ambiental do Brasil: *Brazil and the struggle for rubber – a study in environmental history*.

c) A solidez da questão ambiental foram fatores chaves para o pioneirismo dessa parte do Brasil. Foi lá que os movimentos ambientalistas surgiram no Brasil, de alguns fatores internos e externos que convergiram entre as décadas de 60 e 70 do século XX – promovendo o advento da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN), Associação Catarinense de Preservação da Natureza e Associação Paulista de Proteção à Natureza, algumas das primeiras associações ecológicas do Brasil. Atualmente, podemos referenciar a historiadora ambiental Regina Horta Duarte – professora titular do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais –, um nome que se comunica com o público mais amplo e, principalmente, jovem. Entre suas recentes produções dentro da temática ambiental temos o livro *História & Natureza* (2013). Nele, a historiadora aborda a questão ambiental a partir de uma perspectiva histórica das relações entre as sociedades humanas e o meio natural. Apesar da temática do livro ser de cunho historiográfico, o material apresentado permite conversar com um público mais amplo do que o pertencente aos meios acadêmicos. Além do livro, para o público amplo, há o canal na plataforma Youtube, chamado *As Quatro Estações*, dirigido pela mesma historiadora. Entretanto,

**Nordeste: escrevendo uma História Ambiental**

ativo há quatro anos e contendo cerca de setenta vídeos – atualmente –, apenas um deles trata sobre uma temática totalmente voltada para a região Nordeste – que é uma apresentação do livro *Nordeste*, de Gilberto Freyre. A representatividade do Nordeste é quase que nula nesse quesito. Até o presente momento não conheço nenhum historiador ou historiadora que busque divulgar para um público amplo seus trabalhos e as recentes pesquisas nesse campo, seja por meio de livros ou através de plataformas digitais<sup>8</sup>. Entretanto, alguns professores universitários no Nordeste erguem a bandeira da história ambiental dentro das próprias Universidades – já citados no primeiro tópico. Porém, mesmo no cimo da haste, essa bandeira não ultrapassa os restritos muros das universidades – pelo fato de não haver um número considerável de financiamentos de pesquisas de iniciação à docência e à pesquisa. Defende-se a relevância de uma preparação de novos historiadores ambientais para dentro das salas de aula. Não que esse espaço seja um lugar inconveniente para isso, mas deve-se buscar outros meios para o diálogo social. Por exemplo, mídias e plataformas digitais, imersão de historiadores ambientais em projetos e associações ecológicas ou preservacionistas. Iremos dedicar um possível caminho para essa problemática. O próprio ambiente físico do Nordeste é um marco para iniciarmos esse caminho. Pois, nessa região notamos características distintas do restante do território brasileiro. Uma dessas características é o relevo nordestino. Nele notamos a existência de dois antigos e extensos planaltos, o Borborema a e a bacia do rio Parnaíba. É possível destacar quatro preponderantes aspectos climáticos: equatorial úmido, litorâneo úmido, tropical e semiárido. A vegetação nordestina vai desde a

---

<sup>8</sup> Há o grupo de História Ambiental, localizado na Plataforma do Facebook, criado pelos cursos de pós-graduação de História e de Recursos Naturais da Universidade Federal de Campina Grande. Tendo cerca de 950 membros, porém, os integrantes são da graduação ou da pós-graduação, o alcance no que diz respeito ao público amplo é baixo.

Mata Atlântica, no litoral, até a Mata dos Cocais, no Meio Norte, com ecossistemas como os manguezais, a caatinga, o cerrado, as restingas, dentre outros (é o caso dos Brejos de altitude)<sup>11</sup>, que possuem fauna e flora exuberantes, diversas espécies endêmicas. Além do mais, é possível considerar sua hidrografia como um recorte carregado de movimentos históricos. Assim pontuou Gilberto Freyre

No Nordeste da cana-de-açúcar, a água foi e é quase tudo. Sem ela não teria prosperado do século XVI ao XIX uma lavoura tão dependente dos rios, dos riachos e das chuvas (FREYRE, 2004, p. 58).

No entanto, mesmo tendo essas características ambientais, que distinguem o Nordeste do restante do território do país, é perceptível o maior número de eventos, com a temática de história ambiental, que se localizam no eixo Sul-Sudeste do país.

QUADRO I: CONGRESSOS E EVENTOS REALIZADOS NO EIXO SUL-SUDESTE NO ANO DE 2018<sup>9</sup>

<b>Evento</b>	IV Seminário de História Ambiental: Meio Ambiente e Cultura	III Seminário Sul Brasileiro sobre a Sustentabilidade da Araucária	VII Seminário Temático do Grupo de Trabalho de História Ambiental ANPUH-SP	XIV Simpósio ANPUH Regional Rio Grande do Sul ST 13. História Ambiental: o passado e o futuro das sociedades	XVII Simpósio ANPUH Regional Santa Catarina
<b>Local</b>	São Paulo	Rio Grande do Sul	São Paulo	Rio Grande do Sul	Santa Catarina

Tabela 1: Eixo Sul-Sudeste Fonte: Éverton Alves Aragão, 2018.

<sup>9</sup> Quadros elaborados pelo autor a partir das informações contidas na publicação sobre os Eventos de história ambiental e ruralidades em 2018, publicado em 20 de abril de 2018, do blog *A voz da primavera*, editado e publicado pela Doutora Elenita Malta Pereira, e da comunidade de História Ambiental do Facebook.

Nordeste: escrevendo uma História Ambiental

<b>Evento</b>	VIII Encontro da Rede de Estudos Rurais	XXIV Encontro Regional da AN-PUH -SP ST 20 - História, Sociedade e Natureza	III Conferência Internacional Agricultura e Alimentação em uma sociedade urbanizada (AgrUrb)	V Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações	XXI Encontro Regional da AN-PUH - MG	IV Congresso Internacional História, Regiões e Fronteiras (CIHRF)
<b>Local</b>	Santa Catarina	São Paulo	Rio Grande do Sul	Santa Catarina	Minas Gerais	Rio Grande do Sul

Tabela 2: Eixo Sul-Sudeste Fonte: Éverton Alves Aragão, 2018.

Sem levar em consideração o 3º World Congress of Environmental History (Congresso Internacional de História Ambiental), que ocorreu na Universidade Federal de Santa Catarina, de 22 a 26 de julho de 2019.

QUADRO II: CONGRESSOS E EVENTOS REALIZADOS NO NORDESTE NO ANO DE 2018<sup>10</sup>

<b>Evento</b>	II Congresso Internacional Mundos Indígenas <sup>11</sup>	XVIII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB <sup>12</sup>	Waterlat Globalcity IX	III Congresso Latinoamericano de Ecologia Política	I Congresso Nacional da Diversidade do Semiárido (CONADIS)
<b>Local</b>	Paraíba	Paraíba	Paraíba	Bahia	Rio Grande do Norte

Tabela 3: Nordeste Fonte: Éverton Alves Aragão, 2018.

<sup>10</sup> Fonte: *Idem*.

<sup>11</sup> Realização de um minicurso, com a seguinte proposta: *História Ambiental e História Indígena: Possibilidades de Pesquisa no Semiárido Brasileiro*.

<sup>12</sup> . Realização de um minicurso, com a seguinte proposta: *Introdução à História Ambiental: estado da arte e possibilidades de pesquisa no Brasil*.



Observamos a partir das tabelas que 55% dos eventos se concentram no eixo Sul-Sudeste do país. Logo, mais de a metade. Resta para o Nordeste apenas 25% dos eventos (de menor importância e mais restritos) que ocorrem em território nacional. Já os internacionais somam 20% na contagem – divulgados através dos mesmos meios. Quanto às regiões Centro-Oeste e Norte não foi encontrada nenhuma divulgação de evento.



Gráfico I: Eventos de História Ambiental em 2018, Fonte: Éverton Alves Aragão, 2018

Como então atravessar essa pedregosa situação? O primeiro passo seria buscar parcerias e formas de associações entre historiadores ambientais e projetos ecológicos. Tais como o projeto Floram, Águas de Areia, Cílios do Jaguaribe. Capivara Capibaribe etc. – tendo em vista que nesses projetos há geógrafos, biólogos, engenheiros, podemos acreditar que esses projetos podem ser espaços para a atuação de historiadores ambientais. Considero, entretanto, que podemos contornar essa situação a partir de apoios e financiamentos por parte de institutos – o Instituto Nacional do Semiárido, por exemplo. Nesse sentido, uma ação conjunta entre historiadores e espaços históricos como o Museu do Homem do Nordeste, localizado na cidade de Recife, em Pernambuco. Também de museus ecológicos e parques

<sup>13</sup> *No que tange as regiões Norte e Centro-Oeste, não foi possível encontrar fontes suficientes.*

**Nordeste: escrevendo uma História Ambiental**

arqueológicos – como o Parque Nacional da Serra da Capivara, no estado do Piauí. Incrementaria uma participação efetiva na conscientização social e um estímulo ligado ao verde da história humana (PONTING, 1995). Essas e outras associações facilitarão a disseminação de uma história ambiental em uma região onde o verde é restrito às estações chuvosas, porém, onde há, como em qualquer outro lugar, uma natureza que se liga ao homem por meio dos estratos da memória (SCHAMA, 1996). Em segundo lugar, devemos arar um terreno para novos pesquisadores. Devemos, portanto, divulgar e dar acesso a teses, dissertações e livros, que tratam sobre a história ambiental no Nordeste. Nesse sentido, espero que esse material possa favorecer novas intromissões, por parte de graduandos – que semelhante a mim tenham dificuldades em iniciar suas pesquisas. Diversos outros textos poderiam ser citados, mas esse artigo é apenas um início de vários diálogos que irão se suceder daqui para a frente – com as devidas pausas de ponderação e orientações. Apenas concluo que, no sentido mais profundo, o desafio atual é o de superar as rígidas divisões políticas e geográficas, em favor de uma leitura integrativa, fundada nas parcerias e debates entre essa parte do território brasileiro com outras.

**Considerações finais: que história os historiadores estão fazendo**

No passado, os historiadores poderiam ser acusados de conhecer somente os grandes feitos, dos “grandes homens”. Mas hoje, é claro, não é mais assim – ou pelo menos pretendemos que não seja. Cada vez mais os historiadores e historiadoras se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixado de lado ou simplesmente ignorado. Carlo Ginzburg já escrevia sobre isso em seu prefácio à obra *O queijo e os vermes* (2006). E isso foi, sem dúvidas, uma ruptura importante para os modos de se fazer história(s): as mulheres souberam aproveitar dessas recentes (e ainda vagas) introduções, a história dos negros e indígenas de igual forma ganham

novos olhares a partir dos novos estudos desses historiadores; enfim, podemos dizer que “os excluídos da história” ganharam voz. Se pesarmos por meio de um olhar retrospectivo, avançamos um passo largo e muito importante no ato de historiar. É verdade, são outros tempos. Novos diálogos surgem diariamente no âmbito acadêmico, a história que antes não dialogava com a antropologia, há algum tempo já há um processo de relação interdisciplinar. É nesse cenário que passamos a nos inquietar com outras coisas além de propriamente a “história”, uma dessas, ainda que não totalmente agrupada com essas novas sensibilizações dos historiadores, e também sociólogos, mas ao mesmo tempo é um assunto tão próximo a nós (como que o oxigênio que respiramos), trata-se de algo vulgarmente conhecido por natureza<sup>14</sup>. Sabendo disso, é fundamental superarmos alguns preconceitos acadêmicos. Não há como negar, historiadores e historiadoras, somos sem dúvidas aqueles conhecidos como factíveis à mudança, sempre dispostos a quebrar estereótipos e preconceitos historicamente construídos. Mas, nem sempre seguimos o mesmo caminho, nem sempre fazemos aquilo que socialmente nos compete. Ainda, muitos, pejorativamente, situam a natureza como puro objeto inanimado, crenças de uma falsa imunidade humana. Ou pior, muitos ainda consideram que história ambiental é área reclusa do Eixo Sul-sudeste do país. Acreditam que essa narrativa histórica não pode ser feita a partir das relações com o meio ambiente do outro lado do país – pois, para eles, esse lado não possui natureza(s). Para esses, mantenho pensamento firme, mantenho em mente que preconceitos (acadêmicos) também

---

<sup>14</sup> *O conceito de natureza é múltiplo, ou seja, a palavra natureza pode possuir vários significados. Podemos dizer que desde a antiguidade a natureza em seu significado, seu simbolismo, vem sendo pensado e repensado por inúmeros intelectuais – filósofos, biólogos, geógrafos etc. –, de Aristóteles até Darwin, e mais, muitos outros discutem sobre o conceito de natureza. Logo podemos perceber que não se trata de algo uniforme e homogêneo. Apesar de ter o sentido amplo de ser aquilo que se relaciona com o mundo físico, concreto, estabelecido naturalmente – como a vida –, veremos que a natureza é também construção cultural.*

**Nordeste: escrevendo uma História Ambiental**

podem ser historicamente desconstruídos. No mais, espero ter apresentado a história ambiental produzida no Nordeste, e com isso facilitado futuras prospecções daqueles que desejem se verticalizar na área, com ênfase no Nordeste. A pretexto de conclusão, defenderei sua relevância para a historiografia e sociedade nordestinas. Além de que, desejo que pesquisadores de outras regiões – como o Norte – busquem uma visão de conjunto e historiográfica sobre as recentes incursões nesse campo em suas respectivas localidades.

**Fontes**

SOBRENOME DO AUTOR, Nome do autor. Título da obra. Cidade de publicação: Editora, ano de publicação.

**Referências Bibliográficas**

AGUIAR, J. O.; RODRIGUES, A. F. (Org.) ; SILVA, E. H. (Org.). **Natureza e Cultura nos Domínios de Clio: História, Meio Ambiente e Questões Étnicas**. 1. ed. Campina Grande/ PB: EDUFCEG - Editora da Universidade Federal de Campina Grande/ PB, 2012. v. 1. 267 p.p.

\_\_\_\_\_.; BURITI, Catarina Oliveira. **Fontes Literárias, Natureza e Cultura: Por uma História Ambiental do Bioma de Caatinga**. In: APOLINÁRIO, J. R.. (Org.). *Cenários Históricos e Educativos: Sertão, Questões Indígena e Espaços de Saber*. 1ed. Campina Grande-PB: Educpb, 2011, v1, p.1-315.

\_\_\_\_\_. **História ambiental urbana e as mobilizações de Ongs em defesa do meio ambiente e contra a verticalização: o caso de Campina Grande, PB (1996-2015).**

Projeto História, São Paulo, v. 58, pp.210-239, Jan.-Mar. 2017.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.**

Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

ALVES, Gutierre Farias. **Abertura política e os debates socioambientais: propostas da APAN (associação paraibana amigos da natureza), em João Pessoa no período de 1978-1985.**

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, 2017.

ARCANJO, José Estevão Machado. **O gordo e o magro: o Nordeste segundo Gilberto Freyre e Djacir Menezes.** Revista de Ciências Sociais, v. 27, n. 1/2, 1996, pp. 73-83.

BARBOSA, Jose Aécio Alves. **História Ambiental e Fauna cinegética em fragmentos urbanos de Floresta Atlântica: uma abordagem interdisciplinar e conservacionista.**

Tese (Doutorado em Recursos Naturais) – Universidade Federal de Campina Grande, 2019.

BURITI, Catarina de Oliveira. **Análise das políticas hídricas: uma abordagem histórica, socioeconômica e institucional das secas nos Cariris Paraibanos (1909-2016).**

Tese (Doutorado em Recursos Naturais) – Universidade Federal de Campina Grande, 2017

\_\_\_\_\_. **Imaginário social, Semiárido e representações da Natureza na obra Vidas Secas: Interfaces entre literatura, ambiente e história.**

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, 2010.

## Nordeste: escrevendo uma História Ambiental

\_\_\_\_\_.; BARBOSA, H. A. **Um século de secas: por que as políticas hídricas não transformaram o Semiárido brasileiro?**. 1. ed. Lisboa-Portugal: Chiado Editora, 2018. v. 1. 305 p.

CARVALHO, M. J. M.. **Os caminhos do rio: negros canoeiros no Recife na primeira metade do século XIX**. Afro-Asia (UFBA), Salvador, v. 19-20, n.1, p. 75-93, 1997.

DUARTE, Regina Horta. **“Com açúcar, com afeto”**: impressões do Brasil em **Nordeste de Gilberto Freyre**. Tempo, Rio de Janeiro, nº 19, 2004, pp. 125-147.

\_\_\_\_\_. História & Natureza. – 2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. “Com açúcar, com afeto”: impressões do Brasil em Nordeste de Gilberto Freyre. **Tempo** vol.10 no.19 Niterói Jul./Dec. 2005.

DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8. 1991, p. 177-197.

FILHO, Carlos Pena. **Melhores poemas Carlos Pena Filho**, seleção de Edilberto Coutinho, 4ª ed., São Paulo, Global, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil. 7ª edição – São Paulo: Global, 2004.

FUNES, E. A.; RIOS, Kênia Sousa (Org.); CORTEZ, Ana Sara Ribeiro Parente (Org.); MAIA Neto, Emy Falcão (Org.). **Natureza e Cultura** - Capítulos de História Social. 1a.. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013. v. 01. 206p.

MAIA NETO, Emy Falcão. **Cartografias da água: territorialidade, políticas e usos da água doce em Fortaleza** (1856-1926). 2015. 268f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História Social, Fortaleza (CE), 2015.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **História ambiental:** um olhar prospectivo. Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.24, n.1, jan./jun. 2011.

NETO, Leonardo Guimarães. **Repercussões iniciais de A terra e o homem no Nordeste.** Maceió, vol. 3, Edição Especial, p. 137-152, ago. 2010.

OLIVEIRA, Edivania Granja da Silva. **Os índios Pankará na Serra do Arapuá:** relações socioambientais no Sertão Pernambucano. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, 2014.

PAULA, Karuna Sindhu de. **Travessia por terceira margens de um rio: natureza e cultura 18 no rio Jaguaribe-CE.** 2011. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

PONTING, Clive. **Uma história verde do mundo.** Tradução de Ana Zelma Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória.** Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WINIWARTER, Verena. Abordagens sobre a História Ambiental: um guia de campo para os seus conceitos. **Abordagens Geográficas** – volume 1, número 1, 2010: out.nov., p. 1- 21.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 198-215.

### **Tabelas e Gráficos**

Tabela 1: Eixo Sul-Sudeste Fonte: Éverton Alves Aragão, 2018.

Tabela 2: Eixo Sul-Sudeste Fonte: Éverton Alves Aragão, 2018.

Tabela 3: Nordeste Fonte: Éverton Alves Aragão, 2018.

Gráfico I: Eventos de História Ambiental em 2018, Fonte: Éverton Alves Aragão, 2018